

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zeno Hora

Class.: \_\_\_\_\_

Data: 11/05/82

Pg.: \_\_\_\_\_

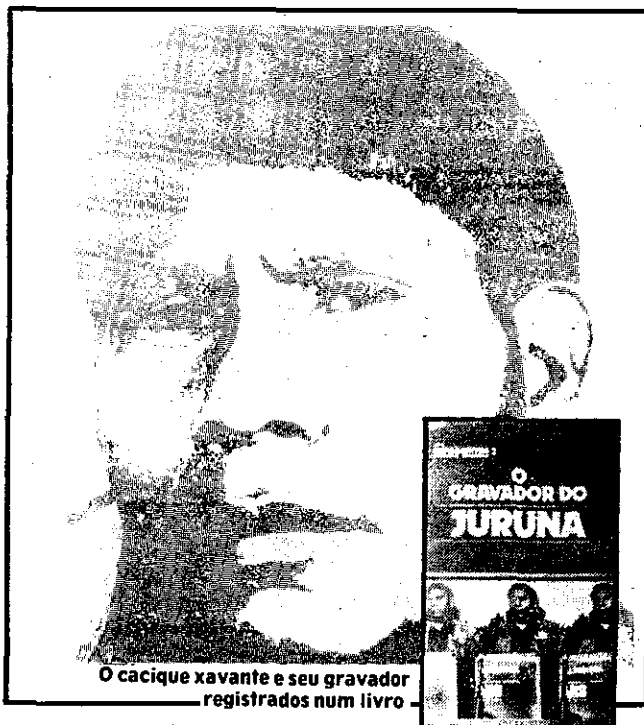
# Juruna, em livro

Ele lançou obra sobre a problemática do índio brasileiro

Foi lançado oficialmente ontem, na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, o livro "O Gravador do Juruna", uma obra feita a seis mãos, por Mário Juruna e pelos jornalistas Antônio Hohlfeldt e Assis Hoffmann, a partir das 54 fitas gravadas pelo cacique xavante na sua luta pelos direitos das comunidades indígenas brasileiras. O objetivo principal do livro, segundo os três autores, é "falar do problema do índio a partir de quem o conhece, o cacique Juruna", mas a partir do lançamento da candidatura de Mário Juruna à Câmara dos Deputados, pelo PDT do Rio de Janeiro, Antônio Hohlfeldt reconhece que o livro passou a ser "um elemento a mais na sua campanha política".

São ao todo nove capítulos enfocando desde o atual papel de Juruna como candidato a uma vaga na Câmara dos Deputados, como a origem dos xavantes, o trabalho da Funai (Fundação Nacional de Apoio ao Índio), da Igreja, a questão da terra, a integração dos índios, até a biografia do cacique xavante e a sua luta para participar do Tribunal Russel, em Rotterdam, na Holanda.

O cacique Mário Juruna nessa longa jornada em busca dos direitos dos índios, já deixou de lado o gravador, que está atualmente no Museu do Índio, em Culabá, e que lhe serviu para comprovar aos seus companheiros de tribo as promessas feitas pelo Governo. Hoje, depois de ingressar no PDT e concorrer a deputado federal, Mário Juruna não vê a marginalização do índio



O cacique xavante e seu gravador registrados num livro

como um problema específico e o relaciona com a falta de terra para os posseiros, a falta de um lote urbano para as famílias de menor poder aquisitivo, considerando essas questões "fáceis" de serem resolvidas, não fosse a "falta de caráter e responsabilidade das autoridades".

Apesar de confessar uma certa desconfiança no homem branco, que "é muito malandro e ganancioso", o cacique disse que a sua tribo e outras comunidades

indígenas consideram a sua candidatura uma vitória para uma raça abandonada, e garante que não vai mudar.

### COMPROMISSOS

O cacique já definiu seus compromissos: vai lutar pelos índios, pelos favelados e pelos posseiros e para que a Funai cumpra com as suas atribuições, demarcando terra para as comunidades indígenas e dar a liberdade para

o índio escolher o seu futuro. Para Juruna, o índio deve estudar em escola de branco, se quiser, e seguir as várias carreiras profissionais que são exercidas pelos brancos. Defende, ainda, a criação de escolas e universidades nas comunidades indígenas para o entrosamento entre as duas culturas, a branca e a índia, embora considere a emancipação "difícil", porque o índio viver fora do seu mundo é o mesmo que peixe fora d'água". Mas, ainda assim, defende o direito de escolha do índio, que hoje lhe é negado.

Ele acredita que Deus o ajudará a se eleger deputado federal e ainda não pensou na hipótese de uma derrota nas urnas. Sobre "o pessoal da Igreja" diz que "eles só pensam em Deus, mas não praticam a palavra de Deus. Tá cheio de gente que prega a palavra de Deus, mas não a pratica".

O livro "O Gravador do Juruna" foi lançado ontem à tarde na Livraria Sulina e à noite no Instituto Cultural Brasileiro Alemão.

Hoje, às 17h45min, o cacique Juruna autografará exemplares no Curso Unificado e, às 20 horas, no auditório central do campus da Unisinos. Amanhã, sempre com a presença de Juruna, o livro será lançado em Caxias do Sul, à tarde, na Livraria do Maneco, e à noite, no prédio do Básico da universidade local. Quinta-feira de manhã, Mário Juruna segue para o Rio de Janeiro. A primeira edição de "O Gravador do Juruna" é de três mil exemplares, com o custo unitário de Cr\$ 950,00.

## O pensamento (muito) vivo de um cacique

No capítulo reservado à questão da terra, o livro "O Gravador de Juruna" narra a ocupação das terras dos txucarramãe — junto à BR-080 (Culabá-Santarém) — por fazendeiros, em agosto de 1980: "O massacre ocorreu com a participação de 91 índios que, agastados com os desmandos do fazendeiro, descarregaram em quem mais à mão se encontrava — os trabalhadores — sua justificada ira. A reação imediata da Funai, através do ministro do Interior, foi fazer um desvio na BR-080, aliás, desativada desde março de 1979, quando alguns ataques esporádicos haviam ocorrido. A estrada seria desviada 330 quilômetros para o sul, na sua ligação entre Barra do Garças e a rodovia Culabá-Santarém, e criar-se-ia uma faixa neutra de 17 quilômetros entre índios e fazendeiros, entregue à jurisdição do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), que ali criaria uma reserva florestal.

O jornal Porantim de setembro de 1980, reproduz parte do diálogo entre o cacique Trumai Arulavi e o presidente da Funai, no dia 13 de agosto, que teria ocorrido mais ou menos assim:

**Nobre da Veiga** — Você não podia ter participado disto (das discussões para um acordo). Você é funcionário da Funai. Comporte-se como funcionário.

**Arulavi** — Eu participei. Eu sou índio. Eu sou trumai.

**Nobre da Veiga** (colérico, gritando) — Você é funcionário da Funai. Fun-cio-ná-rio (separando as sílabas).

**Arulavi** (colérico, gritando) — Eu sou índio. Eu sou trumai.

**Nobre da Veiga** (possesso) — Você vai ser demitido.

**Arulavi** (firme) — Pode demitir. Mas eu não posso ver a terra do meu povo ser invadida e ficar de braços cruzados.

## No museu, a vida dos Kaingang e Guaranis

Artesanato em palha, ervas medicinais, desenhos feitos por crianças índias, mostra de fotografia e dados estatísticos sobre as comunidades indígenas do Estado, compõem a exposição cultural sobre as tribos Kaingang e Guaraní, instalada ontem no Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa. Os trabalhos permanecerão expostos até o início do mês de junho, com visitação aberta ao público e, especialmente, às escolas.

Cerca de 250 trabalhos artesanais, feitos em palha, como cestos, bolsas, pulseiras, colares de contas, além de material didático sobre o ensino bilingüe e até a réplica de uma cabana de palha de palmeira, montada pelos índios de Votouro, fazem parte da exposição representativa das sete comunidades gaúchas (Nonoal, Cacique Doble, Carreteiro, Guarita — São João do Irapuá —, Ligeiro, Inhacorá e Votouro).

Durante o período da exposição, representantes das comunidades indígenas estarão demonstrando como é elaborado o artesanato em palha explicando o uso das ervas medicinais. Também fazem parte da exposição, dados estatísticos referentes ao ano de 1981 sobre população, safras agrícolas, localização e extensão de cada comunidade.

Paula Elisabeth Ruth Ebling, antropóloga da Funai, destaca que a exposição tem caráter didático, para que a população conheça um pouco mais sobre o trabalho e o modo de vida dos índios no Rio Grande do Sul (atualmente existem 6.100 em nosso Estado), e que eles também participam do processo econômico através de sua agricultura — baseada unicamente na produção de cereais.